

Planificar em Creche: estudo de três propostas

Verónica Lopes da Fonseca
Associação Bem Estar de Parceiros
– Creche e Jardim de Infância de Parceiros “Canto dos Rolitas”
veronicafonseccatrabalho@gmail.com

Edite Frazão Rodrigues
Centro Infantil Moinho de Vento
ed_osario@hotmail.com

Isabel Simões Dias
ESECS
isabel_dias@pleiria.pt

RESUMO

Este estudo descritivo, de índole qualitativa, realizado no ano letivo 2012/2013, tem como objetivo apresentar e analisar três planificações efetuadas por Educadoras de Infância em exercício de funções em contexto de Creche. Descrevendo a(s) estrutura(s) e o(s) conteúdo(s) das planificações em estudo, identificámos os objetivos, as atividades/propostas e os recursos como pilares de uma estrutura em forma de grelha. Estudando os objetivos formulados, inferimos que o seu foco se centra no desenvolvimento das crianças concentrando-se no domínio cognitivo motor e social. Valorizando a planificação enquanto ferramenta educativa reguladora do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, este estudo levou-nos a refletir sobre possíveis formas de estruturar e organizar planificações em contexto de creche.

Palavras-chave: Creche, Educação de Infância, Planificação.

ABSTRACT

This descriptive study of qualitative nature, carried out in school year 2012/2013, aims to present and analyze three planning made by childhood educators in the exercise of functions in the context of day care center. Describing the structure (s) and content (s) of the study design, we have identified the goals, the activities or proposals and the resources as pillars of a grid-like structure. Studying the goals formulated, we infer that its focus centers on children's development, namely on the cognitive, motor and social domain. Valuing planning while regulatory tool of children educational development and learning, this study leads us to reflect on possible ways of structuring and organizing unfolds in the context of day care center.

Keywords: *Childhood Education, Day Care Center, Planning*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu no âmbito do *Projeto Creche*, um espaço de reflexão que fomenta a troca de saberes e que estimulou a dúvida científica acerca da planificação em contexto de creche. Como estruturar/organizar uma planificação em contexto de creche? Quais os conteúdos a incluir? Quais os referentes a seguir? Partindo de uma reflexão aprofundada acerca do conceito e tipologias de planificação, socorremo-nos das abordagens curriculares de High/Scope e Reggio Emilia para equacionar o estudo da planificação do trabalho pedagógico dos Educadores de Infância com crianças até aos 3 anos de idade.

A planificação, conceito fluente no discurso de profissionais da área da educação, pode ser entendida como “... instrumento de controlo da acção do professor em formação” (Pacheco, 1990:12) ou como uma previsão de “(. . .) possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar” (Zabalza, 1992:48). Neste sentido, a planificação é considerado um processo que corresponde a um conjunto de ações pensadas previamente que vão permitir ao profissional colocar em prática as suas intencionalidades educativas. Assim, a planificação é considerada um “«instrumento» cuja finalidade consiste em otimizar a prática educativa” que exige ao professor que se apoie “em princípios teóricos (curriculares e pedagógico-didáticos) para, uma vez contextualizados esses princípios, adaptar o seu pensamento às componentes e características fundamentais da acção concreta. É esta a razão, aliás, que justifica a tese de que planificar é “pôr em acção”, numa realidade concreta, as crianças com que trabalha, não esquecendo a individualidade de cada um, pensamento científico pedagógico” (Vilar, 1993:5).

Sendo um conceito abrangente, a planificação representa o pensamento e a ação. Neste sentido, os docentes poderão abordar a planificação de forma diferenciada, focalizando-a numa atividade mental interna do profissional ou centrando-a nas tarefas que os professores fazem quando dizem que estão a planificar (Zabalza 1992).

Em contexto educativo, o profissional planifica para esquematizar, organizar o seu trabalho, embora não exista nenhuma forma rígida ou definida para o fazer. Existem, sim, tipologias distintas de planificação. Zabalza (1992:48) apresenta a planificação didática caracterizando-a como “um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”. Freitas (1995:28) refere a planificação linear, caracterizada pela “conotação behaviorista de tais objectivos bem como as preocupações de tecnicismo formal com ela relacionados que reflectem bem a preocupação de tradução universal de todos os objectivos, em termos de comportamentos observáveis”. Independentemente da tipologia utilizada, a planificação pretende ser um “«instrumento» cuja finalidade consiste em otimizar a prática educativa” (Vilar, 1993:5). Neste sentido, o Educador de Infância terá de considerar este instrumento e adaptá-lo à sua realidade, ao seu grupo de crianças e à sua realidade educativa, preferencialmente sustentando-se na premissa de que deverá

haver um ajustamento entre pensamento/ação e entre teoria/prática. Conforme o mesmo autor, o conhecimento de um professor pressupõe a integração teórica da sua prática

Em Portugal, na Educação Pré-Escolar, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) orientam a ação educativa dos educadores, apresentando possíveis referentes para a elaboração da planificação (áreas de conteúdo). No entanto, para implementar estas propostas curriculares o educador de infância deverá ter uma sustentação metodológica que enquadre a sua ação educativa.

A Creche, em Portugal, é uma resposta social tutelada pela Segurança Social. Deseja-se que o educador de infância que trabalhe nesta valência possua conhecimentos específicos e concretize uma planificação apropriada, sustentada no conhecimento do desenvolvimento nos primeiros anos de vida e nas finalidades educativas em creche (Portugal, 2012). Para Portugal (1998:114, “...o importante em creche é que a ação educativa seja individualizada, respeitando o ritmo individual de cada criança, o que implica uma gestão flexível do currículo, ao nível das atividades pedagógicas realizadas neste contexto”.

O Manual de Processos-Chave para a valência da Creche, documento emanado pela Segurança Social (2010), tem servido de referente para a avaliação da creche enquanto resposta social. Aqui, defende-se a elaboração do Projeto Pedagógico e do Plano Individual, formas de planificação do trabalho docente.

Podendo optar sobre a metodologia de trabalho a desenvolver com as crianças, o educador poderá sustentar a sua proposta de planificação em modelos curriculares validados para o contexto de Creche, como o High/Scope ou o Reggio Emilia. Estas propostas didáticas defendem a elaboração de um plano rico em atividades promotoras do desenvolvimento/aprendizagem das crianças, ideia corroborada por Portugal (1998: 204) quando afirma que “se a educação é uma preocupação básica na creche, se o educador educa e não é apenas um guardador de crianças, importa que haja um currículo, isto é, um plano de desenvolvimento e aprendizagem.”

O modelo High/Scope defende a aprendizagem ativa das crianças, valorizando a observação da criança, a interação adulto-criança, os horários e as rotinas e o ambiente físico (vetores da roda da aprendizagem). Para Post e Hohmann (2007), estes vetores, associados ao trabalho de equipa, aos registos episódicos, às planificações diárias e à relação com a família representam os pilares do trabalho do educador que quer conhecer e responder às necessidades e interesses de cada criança e do grupo.

Nesta lógica de valorização da criança enquanto sujeito ativo na sua aprendizagem, o modelo High/Scope apresenta experiências-chave, organizadas em nove domínios abrangentes da aprendizagem: sentido de si próprio, relações sociais, representação criativa, movimento e música, comunicação e linguagem, explorar objetos, conceitos de quantidade e de número, compreensão do espaço e compreensão do tempo.

O modelo de Reggio Emilia, impulsionado por Loris Malaguzzi, desenvolve-se em torno da construção da imagem da criança. Aqui, a criança é vista como um sujeito de direitos, competente, como um aprendiz ativo que continuamente constrói e testa teorias acerca de si próprio e do mundo que a rodeia. Para esta abordagem, a planificação deverá ser concretizada a curto e longo prazo, sendo, sempre, elaborada de acordo com as crianças e a comunidade em questão. Os tópicos que venham a constar no projeto de cada instituição/sala deverão ser minuciosamente escolhidos e sustentar-se nos re-

cursos humanos, materiais, técnicos e culturais que cada instituição possui. Defendendo o trabalho colaborativo, Malaguzzi (2001, cit. por Lino, 2007: 112) defende que “... discutir, propor, aprofundar e apresentar ideias novas não é só um instrumento profissional, é também um dispositivo que dá sentido de pertença a uma cultura, dá valor à solidariedade interpessoal e reforça a autonomia necessária para elaborar bons projetos”.

Considerando a planificação como ferramenta pedagógica que o educador de infância se socorre para sustentar a sua ação educativa, procurámos analisar planificações atuais efetuadas por educadoras de infância em exercício de funções em contexto de Creche.

2. MÉTODO

Este estudo descritivo, de índole qualitativa, apresenta e analisa planificações efetuadas por educadoras de infância em exercício de funções. Descrevendo a estrutura e conteúdo das planificações em estudo, pretendemos identificar as informações valorizadas.

2.1. PARTICIPANTES

Participaram neste estudo três Educadoras de Infância a trabalhar em contexto de creche, no ano letivo 2012/2013. Duas exercem a sua profissão em Instituições Particulares de Solidariedade Social (na Batalha e em Fátima) e uma trabalha numa instituição privada na zona urbana da cidade de Leiria. As três fazem parte do *Projeto Creche* (ESECS-IPL).

2.2. INSTRUMENTOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Como instrumento de recolha de dados recorremos a documentos escritos (planificações semanais) e a registos escritos advindos de conversas informais.

Conforme Quivy e Campenhoudt (1992), recolhemos dados preexistentes que nos permitiram encontrar informações úteis para estudar a planificação em contexto de creche.

Para Carmo e Ferreira (1998), este processo de análise documental envolve a seleção, o tratamento e a interpretação da informação existente em documentos escritos (áudio ou vídeo).

2.3. PROCEDIMENTO

Após definir o âmbito de estudo e a metodologia a seguir, houve necessidade de solicitar a colaboração das participantes e a autorização das suas instituições de pertença para utilização das planificações como instrumento de recolha de dados. Com a anuência de todos os intervenientes, procedeu-se à recolha e análise dos documentos em causa.

Ao longo das reuniões do *Projeto Creche* fomos conversando com as autoras das planificações, registando os dados que considerámos pertinentes para a compreensão da conceção desta ferramenta pedagógica.

Após ter sido dada uma identificação a cada uma das planificações [P1, P2 e P3] e aos registos de conversas [RC1, RC2 e RC3] (P1 corresponde ao RC1; P2 a RC2 e P3 a RC3), passámos à leitura e análise dos dados. Numa primeira fase, realizámos uma leitura individual de cada planificação, analisando a sua estrutura e os respetivos itens. Após este exame individual de cada um dos documentos, relemos os registos de conversas. Na etapa seguinte, comparámos os dados das planificações duas a duas e, por fim, as três. Analisámos os pontos em comum e os pontos divergentes, tendo como foco principal os

objetivos de cada planificação. Em seguida, efetuámos uma leitura crítica e sustentada dos dados.

2.4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos dados organizou-se da seguinte forma: primeiro, em forma de quadro (ver quadro1), revelamos a quantidade de evidências encontradas em cada um dos referentes das planificações. Depois, de forma descritiva, damos a conhecer a estrutura detalhada das três planificações semanais e conteúdo dos objetivos, informação que vai sendo complementada com os dados dos registos escritos.

Conforme os dados do Quadro 1, a P1 revela a existência de oito objetivos, cinco atividades e doze recursos; na P2 identificam-se catorze objetivos, três atividades e catorze recursos e na P3 vinte objetivos, cinco atividades e dez recursos

Planificação	N.º de objetivos	N.º de atividades/pro-postas	N.º de recursos
P1	8	5	12
P2	14	3	14
P3	20	5	10

Quadro1. Dados das três planificações

Planificação 1 (P1)

A instituição a que pertence a P1 fica localizada na zona urbana de Leiria e é uma instituição privada. No cabeçalho da planificação podemos ler o título (“planificação semanal”) e a semana a que corresponde (“Semana de 8 a 12 de Outubro de 2012”) Em seguida, aparece a grelha com os dias da semana e os objetivos, atividades, áreas de conteúdo e recursos materiais. No final, no canto inferior direito, visualizamos o nome da educadora e da sala correspondente (“sala laranja”)

Assim, a P1 é apresentada sob a forma de grelha e a sua estrutura apresenta-se dividida em quatro colunas na horizontal (objetivos, atividades, áreas de conteúdo e recursos materiais) e em cinco colunas na vertical que contemplam os cinco dias da semana, sendo o seu preenchimento feito através de tópicos.

Segundo os dados do RC1, no início do ano “as quatro educadoras é que discutem qual a melhor forma de planificar”, ficando estipulada a estrutura final da planificação que vai sendo preenchida ao longo do ano letivo (a “grelha da planificação é elaborada no início do ano pela equipa das quatro educadoras, semanalmente quem planifica (elabora as atividades) é a educadora da sala” – RC1).

Ao focalizar a nossa atenção nos objetivos formulados, num total de 8, percebe-se que não há qualquer objetivo formulado para a segunda-feira (para este dia da semana apenas surge a música como atividade a desenvolver, estando os restantes referentes por preencher). Para terça-feira apresentam-se três objetivos relacionados com o desenvolvimento da criança, dois focalizados no domínio cognitivo e um no domínio motor. Na quarta-feira são apresentados dois objetivos, um centrado no domínio motor e o outro no domínio cognitivo. Na quinta-feira, revelam-se dois objetivos, um centrado no domínio cognitivo e outro no domínio social. Na sexta-feira, identifica-se um objetivo no domínio motor. Em síntese, todos os objetivos formulados nesta planificação focalizavam-se no desenvolvimento da criança, havendo a preocupação de

ajustar a atividade ao domínio de desenvolvimento a promover (por exemplo, quando se pretende promover o domínio motor, apresenta-se uma atividade de expressão motora).

Estes dados levam-nos a inferir que esta planificação carecerá de informação ao nível do grupo etário à qual se destina (não menciona a idade do grupo de crianças) e de informação relativa aos objetivos e aos recursos no que se refere à segunda-feira. Considerando que é uma planificação para crianças em contexto de creche, defendemos que a coluna denominada “áreas de conteúdo” poderá não estar adequada às *finalidades educativas* da creche (Portugal, 2012).

Planificação 2 (P2)

A instituição a que pertence a P2 fica localizada na zona urbana da Batalha e é uma Instituição Particular da Segurança Social (IPSS). No cabeçalho da planificação podemos visualizar o logotipo da Instituição (“Centro Infantil xxxxx”), o logotipo da Associação a que pertence (“Associação xxxxx”) e o título (“plano semanal de atividades”). De seguida, em forma de tabela, surge: (1) a identificação da sala (“sala: 2/3anos”); (2) a identificação da educadora; (3) a identificação da auxiliar e (4) a identificação do período (“Semana de 11 a 15 de Fevereiro”). Em baixo desta tabela, encontra-se uma outra tabela com três colunas (dentro de cada uma das colunas, identificam-se pontos e subpontos): uma com as atividades, outra com os objetivos e outra com os recursos. No final, há um espaço (duas linhas) para o preenchimento da avaliação do plano semanal. No rodapé identifica-se o número do impresso (parâmetros exigidos pelo Processo de Certificação da Qualidade e o Manual Processos-Chave da Creche).

Segundo os dados do RC2, a “estrutura da planificação foi elaborada pela instituição e tendo em conta o Manual Processos-Chave. O preenchimento é do critério de cada educadora”.

Ao aprofundar os 14 objetivos desta planificação, identificamos cinco direccionados para o domínio cognitivo, três para o domínio social, um para o domínio afetivo e três para o domínio motor. Os restantes dois estão relacionados com a ação da educadora e com a época do ano (carnaval).

Pensando sobre os dados levantados, verificamos que na coluna recursos não se identificam as crianças como recursos humanos ainda que se identifiquem os adultos em interação com as crianças. Os objetivos identificam-se por tópicos sem correspondência com as atividades a desenvolver, podendo-se inferir a ausência de ligação entre estes dois itens (objetivos e atividades). Defendendo a planificação com um instrumento facilitador da prática pedagógica, concordamos com Zabalza (1992: 48) quando defende que a planificação didática será “um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”.

Planificação 3 (P3)

A instituição a que pertence a P3 fica localizada na zona urbana de Fátima, sendo uma Instituição Particular da Segurança Social (IPSS). Segundo o RC3, “fica à saída, isto é, arredores da cidade, o que muitos pais acham um privilégio”.

No cabeçalho podemos observar: (1) o número do impresso e a data da edição (parâmetros exigidos pelo Processo de Certificação da Qualidade e o Manual Processos-Chave da Creche); (2) a identificação do número da página; (3) o logotipo da Instituição (“Creche xxxx”); (4) a morada e os contatos da instituição e (5) a identificação da planificação (“Planificação semanal das atividades”). De seguida, em forma de tabela, surge: (1) a identificação da educadora; (2) a identificação da semana (“21 a 25 de Janeiro de 2013”) e (3) a sala (“Floresta”).

Em baixo desta tabela, encontra-se outra tabela com quatro colunas na horizontal (dias, proposta educativa, objetivos e recursos materiais) e cinco linhas na vertical, uma para cada dia da semana. O preenchimento destes campos é feito através de tópicos (objetivos e recursos materiais) e de forma descritiva (proposta educativa). Segundo os dados dos registos (RC3), a planificação “foi estruturada por ambas as educadoras e pela direção. Na nossa instituição as educadoras planificam em conjunto para a sala do berçário e às segundas reúnem-se com as auxiliares para ajudar na planificação (ideias, sugestões) para a sala 1/2anos e 2/3anos o processo é idêntico, as educadoras reúnem-se e planificam (o que muda são os objetivos)”.

Ao analisar os 20 objetivos desta planificação, identificamos, para o dia de segunda-feira, dois objetivos do domínio motor e dois objetivos do domínio cognitivo. No segundo dia da semana – terça-feira – identificam-se dois objetivos relacionados com o domínio e dois com o domínio cognitivo. Para quarta-feira, identificam-se dois objetivos do domínio cognitivo e dois do domínio motor. Para quinta-feira, identificam-se três objetivos do domínio cognitivo e um do domínio social. Na sexta-feira, a planificação identifica um objetivo no domínio social, dois no domínio motor e um no domínio cognitivo. No total, dez objetivos enquadram-se no domínio cognitivo, seis no domínio motor e quatro no domínio social. Estes dados levam-nos a inferir que todos os objetivos se focalizam no desenvolvimento da criança e das suas competências.

Analisando a relação entre objetivos e proposta educativa, verificamos uma ligação estreita entre ambas. Ainda que as propostas educativas identificadas assumam um cariz religioso, o domínio de desenvolvimento afetivo e social não é o mais referido. Ponderando a instituição a que pertence esta P3, assumimos, com Lino (2007), que a planificação deverá ser elaborada de acordo com as crianças e a comunidade em questão.

Considerando os dados identificados, inferimos que esta planificação carecerá de informação relativa ao grupo etário (apenas refere o nome da sala, mas não menciona a idade do grupo de crianças).

Fazendo uma leitura das três planificações descritas, identificamos aspetos em comum e aspetos divergentes:

(1) em termos de estrutura, as três planificações assumem um aspeto comum (todas surgem em forma de grelha), integrando o pensamento e a ação de cada uma das educadoras (Zabalza, 1992);

(2) as três planificações estão organizadas por objetivos, numa lógica de planificação linear, modelo clássico que se caracteriza pela “conotação behaviorista de tais objetivos bem como as preocupações de tecnicismo formal com ela relacionados que reflectem bem a preocupação de tradução universal de todos os objetivos, em termos de comportamentos observáveis” (Freitas, 1995:28);

(3) em termos de denominação, as três planificações surgem identificadas de forma diferentes: “Planificação Semanal” (P1); “Plano Semanal de Atividades” (P2) e “Planificação Semanal de Atividades” (P3) Este dado leva-nos a inferir que, independentemente da terminologia adotada, o Educador de Infância recorre à planificação para otimizar a sua prática educativa, adaptando-a à sua realidade, ao seu grupo de crianças e à sua realidade educativa, numa procura de integração teórica da sua prática (Vilar, 1993);

(4) apenas na P2 se identifica um espaço para a avaliação do plano semanal. Conforme Post e Hohmann (2007), a avaliação deverá fazer parte do trabalho do educador que quer conhecer e responder às necessidades e interesses de cada criança e do grupo;

(5) como afirma Vilar (1993:5), planificar é “pôr em acção”, numa realidade concreta, as crianças com que trabalha, não esquecendo a individualidade de cada um, pensamento científico pedagógico”, no entanto, duas das três planificações (P1 e P3) não identificam o grupo de crianças (e respetivas idade(s) cronológica(s)) ao qual se destinam.

Concluindo, o estudo das três planificações descritas leva-nos a refletir sobre o exercício da planificação em contexto de Creche. Os dados discutidos levam-nos a inferir que as informações valorizadas nas planificações em estudo consideram o contexto da instituição educativa e o grupo de crianças, formulando objetivos focalizados no desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS

- Carmo, H. e Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta
- Lino, D (2007) O Projecto de Reggio Emilia in Júlia Oliveira-Formosinho (org) *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma práxis de participação*. 3.ª ed. Porto: Porto Editora, pp. 93-121.
- Segurança Social (Ed.) (2010). *Manual de Processos- Chave Creche*. Lisboa: Ministério da Segurança Social.
- Ministério da Educação (1997) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Núcleo da Educação Pré-Escolar. Ministério da Educação.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, famílias e creches – uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche – das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo em creche*. Porto: CNIS.
- Post, J. e Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pacheco, J. (1990) *Planificação Didáctica: uma abordagem prática*. Braga: Centro de Estudos Educacionais e Desenvolvimento Comunitário-Universidade do Minho.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Freitas, M. (1995). *A planificação do ensino das Ciências: uma perspectiva de mudança conceptual*. Braga: Departamento de Educação do Instituto da Universidade do Minho.
- Vilar, M. (1993). *O professor planificador*. Porto: Edições ASA.
- Zabalza (1992) *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Rio Tinto: Edições Asa.